Celebração com gosto amargo

Josimey Costa da Silva

Departamento de Comunicação Social

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

E-mail: jcostadasilva@hotmail.com

Título do filme:

A Comilança (*La grande bouffe*), 1973, Marco Ferreri, França/Itália.

Sinopse:

Quatro homens de meia-idade, entediados com a vida, resolvem cometer suicídio em grupo. Enclausuram-se com prostitutas para orgias sexuais e para comer até morrer. Vencedora do Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Cinema de Cannes, a obra-prima de Marco Ferreri é vista como uma crítica de humor negro à decadência capitalista.

Ficha técnica:

Direção: Marco Ferreri. Roteiro: Marco Ferreri e Rafael Azcone. Fotografia: Mario Vulpiani. Música: Phillipe Sarde. Elenco: Marcello Mastroianni, Michel Piccoli, Philippe Noiret, Ugo Tognazzi, Andréa Ferréol. Cor, 130 minutos.

Comentário:

“A Comilança” ou a grande farra, como sugere o título em francês, ainda hoje produz no espectador uma sensação que faz jus ao título: a de ressaca moral. O filme é uma narrativa até certo ponto burlesca de humor negro, uma insólita e sarcástica celebração da gula, do sexo, de todos os excessos da vida capitalista contemporânea e do fim de todos eles com a morte. Não, porém, uma morte digna, redentora, mas uma morte banalizada porque não há motivos maiores para preservar a vida. Não há razão para algum sentimento mais nobre ou transcendente. E, na verdade, não há também nenhuma razão para morrer.

Um grupo de homens fartos de viver se entrega à celebração animal da fome do bando com objetivo contrário à natural finalidade do ato de comer. Nada se sabe sobre esses homens que se confinam num final de semana para o pacto de morte além de que eles são um comandante de avião, um

executivo de TV, um chefe de cozinha e um juiz. Todos são, pelos gestos, gostos e roupas, bem-sucedidos. Querem orgias. A perspectiva de morrer aumenta, para eles, o prazer na comida e o desafio filosófico da gastronomia: a apreciação que exige a destruição do apreciado.

Não é preciso saber mais sobre os personagens que têm os mesmos nomes dos atores que os interpretam, numa remissão ao concreto da vida fora das telas. São consumidores, e numa sociedade de consumo de massa, consumidores são anônimos, pois são, antes de tudo, números. No filme, O consumismo do comer e do copular desenfreadamente remetem ao processo destrutivo do consumo que não respeita limites, nem os do corpo, nem os da sociedade, muito menos os do planeta. Os quatro cavalheiros são decadentes e anunciam as mazelas de um capitalismo que põem em relevo a triste condição humana e que, como anunciou Walter Benjamin, se caracteriza pela reprodução. Que o diga o livro "Clube dos Anjos", de Luís Fernando Veríssimo, publicado em 1998 pela coleção Plenos Pecados da editora Objetiva. O romance mistura, como o filme, comida e morte, mas sem sombra do brilhantismo de Marco Ferreri.

O passar dos anos trouxe um reconhecimento a Ferreri que sua época não lhe conferiu como deveria. Quando lançado, o filme foi criticado por seu mau gosto, o que é suscitado incomodamente por cenas da perversão sexual de Marcelo (Mastroianni) ou da prisão de ventre cheia de gases de Phillippe (Noiret). Mas o grotesco dessas situações não é um elemento isolado do estilo do diretor; ao contrário, ele é salientado pela sofisticação do cenário histórico que representa cenas pictóricas do Renascimento, por citações literárias e homenagens cinematográficas que só um olhar mais informado pode perceber.

O grotesco no filme é quase insuportável. O masoquismo dos personagens, mesmo com o seu entretencimento de erotismo, é uma pulsão de auto-destruição. As cenas evocam a vivência das entranhas: o estômago que se auto-devora, esgarçando a mucosa na gastrite, perfurando-se com a úlcera. Evoca, também, a compulsão à repetição, que está na natureza conservadora dos instintos e que vence até mesmo o princípio do prazer. A repetição está nos ritmos naturais, onde o instinto rege a vida mental e a vida vegetativa, mas o filme traz isso à tona de uma forma cruel, contrariando

principalmente o que é mais instintivo no ser vivo, a sobrevivência do corpo. A alma, já morta, não pode salva-lo.

No filme, o corpo é típico da arte do grotesco, que apresenta um mundo em que esse corpo ainda não foi separado e fechado, que possui orifícios pelos quais se comunica com o mundo: a boca, o nariz, os genitais, os seios, o ânus, o falo. A sociedade capitalista, civilizada, não pode suportar essa realidade do corpo, um corpo sobretudo mortal. O filme não deixa em momento algum que isso caia no esquecimento.

O que são as mortes imotivadas em “A Comilança”? A pergunta fica zumbindo em torno do espectador ao final do filme. Elas provocam um riso nervoso, assim como a liberação de tantos gases, a crueza do sexo sem nenhuma transcendência – a não ser para a morte. *Petit mort*, aqui tornada grande, definitiva e farsesca com Ugo (Tognazzi). Cada cena sublinha o desperdício e a desrazão, simbolizados, entre outros momentos, por um jardim carnavalesco, pejado de carnes que nem os cachorros cobiçam. Eles, aliás, parecem mais dignos por apenas assistirem ao espetáculo da morte dos humanos endinheirados e miseráveis. Só quem vomita é quem não come e não teria o que vomitar: a loira russa e lânguida, que só aceita a comida fora do corpo, em contato com a pele, como tentativa de não morrer tão depressa.

Assim como David Cronenberg, Ferreri revela, em sua cinematografia, uma temática marcada pela sordidez e pela anormalidade, o que pode ser comprovado em outros clássicos que assina, como "A Carne" (1991). O gosto amargo que fica ao final do banquete macabro que constitui “A Comilança” é efeito da visão pessimista do diretor sobre a condição humana e as relações sexuais. O fato de que consiga despertar riso com sua tragicomédia só reforça a abjeção de uma sociedade contemporânea que ele assim vê e assim mostra ao mundo.

Indicações de leitura:

GUBERN, Román. Cinema Contemporâneo. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979. (Biblioteca Salvat de Grandes temas.

EWALD FILHO, Rubens. Dicionário de cineastas. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.